

Nos monumentos e textos escriptos da lingua portugueza nota se que a evolução historica se operou do *phonetismo* para o *etymologismo*. A orthographia do portuguez antigo é puramente *phonetica*; do seculo XV em diante começa a orthographia *etymologica* por influencia da disciplina litteraria e classica. No seculo actual XIX, a tendencia para a transcripção *etymologica* é de tão grande intensidade que até os neologismos de linguas extranhas conservam a pureza orthographica originaria: *bouquet*, *wagon*, *cavaignac*, etc.

Observações relativas à orthographia e à prosodia

I

Signaes variaveis

Algumas letras apresentam, conforme o emprego ou uso, certa variabilidade de sons, que convém registrar.

O C tem tres valores principaes : o de *h*, de *s* e de *x* quando composto no grupo *ch*. — O valor de *h* nota-se sempre que o *c* precede *a*, *o* ou *u*. Ex.: *cara*, *covado*, *curiosidade*.

O valor de *s* existe sempre que precede as vogaes *e*, *i* ou *y*. Ex.: *cera*, *principio*, *Muricy*. Quando ha necessidade de exprimir o valor *s* por *c*, antes das vogaes, *a*, *o*, *u*, põe-se abaixo do *c* uma pequena virgula que tem por funcção abrandar o valor litteral e chama-se cedilha: *caça*, *poço*, *reçumar*.

O valor de *x*, como dissemos, só se observa no grupo *ch*: *chão*, *mecha*, etc. Nas palavras de origem grega, porém, o *ch* tem o valor exacto de *h*. Ex.: *monarchia* *archanjo*, etc.

O abrandamento de *c* é um facto moderno, pois no latim classico sempre representava o valor de *k*: *cana*, *Cicero* liam-se *kena*, *kikero*. O som forte, modernamente foi conservado quando a letra precede *a*, *o*, *u*; nestes casos, o som brando notifica-se pela *cedilha*. Nos documentos antigos anteriores ao uso do *cedilhado* apparecem as fórmas *cocobrar*, *currador*, *sozobrar*, *surrador*, como attesta Viterbo.

O *z*, no meio das palavras, substituiu frequentemente no latim barbaro o som de *c* brando: *jazenlia*, *inzendium*, etc.

O X tem os valores seguintes :

— Valor de *hs*. Nota-se este valor nos vocabulos de formação litteraria ou scientifica, quando o *x* occupa uma posição média na palavra: *fixo*, *nezo*, *influxo*.

— O valor chiante *x*, *ch*, observa-se nos vocabulos populares: *carque*, *roxo*, etc.

O valor *s* ou *z* nota-se nos vocabulos que principiam por *ex*. Ex.: *exilio*, *exemplo*, *exacto*, *extraordinario*, *exterior*, etc.

O *x* é letra dupla e neste sentido o seu valor normal deve ser *hs*; mas na evolução phonetica perdeu a duplicidade de valor, adquirindo o som chiante de *ch*. Assim, veremos que quanto mais se vulgarizam as palavras eruditas que contém o *x* duplo-*ks*, maior tendencia nellas se nota para a prosodia do *x* simples. E' o que vae succedendo aos vocabulos *defluo*, *luxuria*, *fluxo*, *luxuoso*, e aos vocabulos prefixados accidentalmente de *ex* latino: *ex-presidente*, *ex-secretario*, *ex-chefe*.

O S tem o valor de *z* quando situado entre vogaes, v. g. : *casa*, *mesa*. Quando esta situação é um accidente resultante da junção de um prefixo, o *s* conserva o valor normal do *ç*: *presentir*, *resentir*, *proseguir*.

Quando entre vogaes ha necessidade da prosodia *s*, a letra vai dobrada, *ss*: *nosso*, *passo*, *gesso*.

Sobre a prosodia do *s* ha uma anomalia curiosa, na palavra *obsequio*, onde excepcionalmente tem o valor de *z*. Talvez seja explicavel tão extranho uso, pela existencia do vocabulo *exequias*, que tem a mesma etymologia (*obsequium*, *obsequia*). Outra razão que não deixa de ter fundamento é que a articulação difficillima *bs* transformou o vocabulo alludido em *obsequio*, produzindo aquelle resultado, cf. *ausente* de *absentem*.

O grupo *Qu*, ora tem o valor de simples letra e igual a *k*; ora faz soar o *u* seguinte. O primeiro caso observa-se nas palavras mais populares e antigas da lingua: *querer*, *que*, *maquina*, *bem-quisto*, e ainda nas derivadas de palavras que se escrevem com *c*: *sequioso* de *secco*; *pequei* de *peccar*.

As palavras do grupo *ch* de linguas extranhas, quando graphadas com o *qu*, conservam a prosodia primitiva: *Melquisedec* = *Melchisedec*; *Joaquim* = *Joachim*; *maquina* = *machina* etc.

O segundo caso, isto é, aquelle em que se verifica a prosodia do *u*, succede geralmente nas palavras litterarias e eruditas e em poucas outras: *consequencia*, *quantia*, *questionar*, *quanto*, *quasi*, *qual*, (ant. *case*, *contia*, etc.)

O abrandamento do *ch* grego especialmente se encontra nos velhos vocabulos: *arcipreste*, *arcediago*, *arcebispo*, *cirurgia*, *cirurgião*, etc. que existem ao lado de *archetypo*, *archileto*, *chiro-mancia*, *chiropteros* etc.

Quanto ao grupo *qu*, note-se que a tendencia popular e antiga é dar-lhe o valor simples de *k*: o que se vê em *calidade*, *cumanko*, *car*, archaicos.

O G tem o valor forte, igual a *gh*, antes das vogaes *a*, *o*, *u*: *gato*, *gozo*, *gula*.

Quando precede *e*, *i*, ou *y*, tem o valor de *j* e diz-se brando: *geração*, *gínete*, *gymnastica*.

O grupo *gu* tem o valor forte de *g* nas palavras mais antigas e populares, maxime, quando precede *i*: *guiar*, *enguia*, *guerra*, *seguir* e nas que derivam de *g* forte: *pequei* de *pegar* etc.

Nota-se a prosodia do *u* especialmente nas syllabas *gua*, *gue*: *guela*, *guapo*.

O R entre vogaes tem o valor brando e trillado: *cara*, *verídico* etc. Nessa emergencia, a graphia do *r* forte faz-se por duplicação: *carro*, *serra*, *murro*.

O valor forte nota-se nos demais casos e ainda quando entre vogaes, uma destas pertencendo a prefixo: *proromper*, *prorogar*, *prerogativa*.

As demais consoantes têm valores pouco variáveis.

Por ultimo, convém notar que existem sons que se não representam nos vocabulos, e são prolações resultantes ora da *progressão*, ora da *regressão* de um elemento nasal. Nas palavras *plano*, *threno* sentimos que as primeiras syllabas são *plã*, *trê*, ao menos, prosodicamente.

E' pois, um exemplo da *regressão* do som nasal.

O exemplo característico do phenomeno da *progressão* nota-se em: *muito*, tantas vezes citado.

II

Abbreviaturas

As abbreviaturas do portuguez antigo, consignadas nos diplomas, chartas e msscriptos, são numerosissimas e illogicas pela feição extravagante que apresentam. A maneira de escreverem os tabelliães por *siglas* e *notas* (de onde o termo *notario*) engendrou certos usos que, muitas vezes, em vez de abbreviarem tornavam mais proluxa a escriptura. Representavam os escriptas as vogaes A, E, I, O, U, por equivalentes numericos 10, 20, 30, 40, 50, em algarismos romanos, do modo que exemplificamos:

R X M X X R X L — Ramiro
P R X X S B X X X T X X R — presbiter etc.

Nos documentos forenses ainda existem algumas siglas como — N. L. — *non liquet*. C — *con*; ☉ — *contra*. Para indicar o digesto escreve-se a sigla FF difícil de interpretação á primeira vista. A mencionada collecção de leis era denominada *Pandectas* pelos gregos e a sigla respectiva eram dois *pis* ππ, que mais tarde se deformaram em FF.

Nas linguas romanas ainda se usa a sigla N. para indicar um *fulano* ou *pessoa desconhecida*. A sua origem é attribuida com razão á occurencia do nome ficticio, (usado com equal fim) *Nestigancius*, que nos depara a *Lei Salica*. tit. 53—(Viterbo).

— Algumas abbreviaturas por letras gregas persistiram na lingua, taes como I H S — *jes.* — *Jesus.* — X P T O — *chrto.* — *Christo.* O uso desta ultima foi extensissimo e vêem-se nos documentos antigos as graphias: *Xptovam*, *Xptina* — *Christovam*, *Christina*.

—Entre nós, a duplicação de iniciaes, ora representa a pluralidade : AA — auctores ; ora representa o grão summo : S. S. *santissimo*. Entre os romanos a triplicação indicava o numero tres : Cæsss. Aaa — *Cæsari augusti tres*

Uma observação de pequena monta, mas que não deixaremos de adduzir, é que os systemas de abbreviação variam nas diversas linguas. Os inglezes conservam quasi sempre as letras iniciaes, ao contrario dos romanicos, que tornam clara as letras terminativas. Exemplifiquemos com a abbreviatura ingleza *Co.* — *company*, e comparemol-a com o systema romanico *C^a* ou *C^{ia}* ou *C^{ie}*.

A analyse destas fórmas é sem duvida uma bagatella. Apesar disto notemos que a abbreviatura 8^{vo} para indicar o formato *in 8^o*, é um *gallicismo orthographico*. No francez ha necessidade de indicar a syllaba final de *octavo*, pois que existe á fórma *huitième* para os outros casos :

Sieme, e 8^{vo}

Em portuguez a consignaço da syllaba final é totalmente excusada e resulta provavelmente do conhecimento da formula franceza.

III

Vogaes e consoantes



O accento *circumflexo* não é applicavel ás letras *i* e *u*.

A vogal *i* e tambem a vogal *u* não possuem os tons graves, ordinariamente indicados pelo accento *circumflexo*. A producção physiologica destes sons dá-lhes pouca variabilidade ; e as mesmas distincções do som *agudo* e *breve* são ahi pouco apreciaveis e, em parte, devidas á duração, á quantidade.

O som *nasal*, que physiologicamente é devido a um desvio de parte do ar expirado, convém a todos os timbres e em algumas linguas a presença d'elle nota-se até nas consoantes, precedendo-as, nas syllabas iniciaes : *mbaé. ngatú. etc.*

Os neo-grammaticos, nomeadamente Osthoff, aceitam a formula de *contracção proethnica*, segundo a denominação que deram, a + o = â.

Este som originario, quasi proximo ao do *u* inglez de *but*, assemelha-se ao do *a* grave do portuguez.

O *til* é antes um signal de abbreviatura do que accento. Nos antigos documentos o *til* substituiu letras e syllabas inteiras : *mũ=miser cordia*. Ainda hoje na escriptura conservam-se as

abbreviaturas : *Sn̄r*, *Mq̄r* = *senhor*, *Monsenhor*. Nos nomes proprios vemos conservada a orthographia. *Fr̄z*, *Roīz* — *Fernandes*, *Rodrigues*, etc. O officio principal do *til* era a substituição do *m* ou *n*, especialmente da primeira letra : *h̄ia*, *l̄ia*.

Note-se quanto ás nasaes que o caracter de *nasalidade* decorre da vogal. O *nasal* representa-se por um *til* ou por um *n*. Se só existisse o recurso do *til*, é provavel que tivessemos mais os diphthongs :

ẽe — empenhe, prenhe.
ĩe — defínhe, alinhe.
ũe — extremunhe, etc.

Este modo orthographico não deixa de ter exemplos nos documentos antigos.

A emoção, o estado d'alma modifica muitas vezes os valores prosodicos das vogaes.

Escapa a qualquer classificação positiva o factor psychico da emoção. O estado emocional denuncia-se pelo timbre musical que existe na linguagem viva e falada e este timbre é tanto mais claro e rythmico quando mais intensa fôr a emoção. A articulação, como ruido, explica-se pela irregularidade de vibrações geradoras ; mas o proprio ruido, é sabido, compõe-se de uma reunião de elementos symmetricos e musicaes, descompasados.

Do *k* e *ch*, de origem grega, conviria dar uma transcripção uniforme, pois a actual confunde frequentemente os dous valores phoneticos. Em geral o *ch* tem no portuguez a forma identica *ch*, mas viciosamente se acha transcripta por *k* em : *kilometro*, *kilogramma*. Inversamente, o valor *k* se acha transcripto por *c* e *h* com louvavel exactidão, se apenas exceptuarmos um vocabulo, em que apparece o *ch* : *chicorea* (*kichorion*), que de certo não veio directamente do grego.

Em alguns vocabulos o uso do *th* é descabido e erroneo, tal é a graphia *systhema*, que não é composto de *thema* (*tithêmi*) mas de *istêmi* e *sun*. E tambem *cathegoria* em vez de *categoria*.

O *rh* grego ás vezes toma a forma de *r* sem aspiração como se vê em : *rachitismo*, que seria melhor graphar *rhachitismo*.

Em relação ao *ph*, seria conveniente usar este symbolo no termo *pleuoma* e ainda em *fanal* que possui o mesmo radical de

diaphano, phenomeno, etc., se bem que pareça pertencer ao contingente italiano, cuja orthographia é mais phonetica do que etymologica.

A transcripção do *y* varia para *u* sob a influencia latina: *porphiro* e *purpura*; *crypta* e *gruta*. Note-se o neologismo *udometro* ao lado de *hydrometro*.

O *h* como symbolo sensível de aspiração apenas apparece nas interjeições: *ah!* *oh!* Nos grupos *th*, *ch*, *rh* de proveniencia grega, não produz aspiração e resta como um simples signal etymologico.

O *h* tambem permanece nos vocabulos hebraicos que foram hellenisados pela traducção grega da biblia: *Ezechias*, *Melchisedech*, *Sarah*.

O abuso do *h* deu origem a certos erros, que ficaram perpetuados, v. g. *Theresa*, em vez *Teresa*, fórma correctá, *theor* em vez de *teor*.

IV

Letras dobradas

É provavel que fossem bastante perceptíveis em suas origens os valores das letras em geminação.

O uso das letras dobradas dá-se frequentemente fóra do dominio da alitteração; sómente a orthographia phonetica poderia proscrevel-o. No seculo XVI os cultores do castelhano aconselhavam a remissão das letras dobradas, contra a qual se insurgia Duarte N. de Lião, dizendo que embora a letra reduplicada não sôe na pronuncia, «ha todavia uma musica delicada que se não deixa sentir de todos.» Com effeito, a reforma proposta naquelle tempo era de difficil exequibilidade, visto o uso geral de substituir as vogaes longas por contracção com as vogaes duplicadas, como em *máa*, *paadar*, *fee*, *geeral*, *vedes*, *soo avoo*, *cruu* por *má*, *paladar*, *fé*, *geral*, *vedes*, *só*, *avó*, *crú*. Além deste phenomeno devido á syncope, havia os plaraes do *i* nasal, por duplicação: *beleguiis*, *marfiis*, etc. Era portanto uma reforma ainda precóce para os primeiros tempos da disciplina grammatical.

Note-se que antes do periodo classico o *ll* dobrado era o grupo consonantal adoptado assiduamente em equivalencia do *lh*, que fóra construido por imitação do grupo *nh* existente desde os primeiros periodos da lingua.

Duarte Nunes de Lião na sua *Orthographia* insiste sobre o uso dos diminutivos de influencia italiana com o *t* da terminação

duplicado : *verdette, camarotte, piparotte*, etc. E os quinhentistas que mais cooperaram para a cultura litteraria, seguiram identica orthographia.

Antes da disciplina orthographica da lingua, os documentos abundam na duplicação do *rr*, e *ss* inicial, sempre forte: *rrazon, rrua, rroupa, sseu*.

Em portuguez o *rhotacismo* é tendencia mais sympathica que o *lambdacismo*.

Assim as fórmascraro, *groria, simpresa*, deram lugar a *claro, gloria*, etc., por serem estas etymologicas. Fóra disto, a articulação *r* é sempre preferida: *vranto, brando rrazer*, no castelhano *blando, plá...* de Lluo). Os dous *u* equivaliam ao *lh* do periodo cunha *ou* castelhano. É talvez, nessa razão, em que se funda a anomalia das duas fórmascaballeiro, e *cavalheiro*, da mesma etymologia. Só a influencia phonica do antigo grupo *ll=lh*, pôde sufficientemente explicar a difficuldade.

O *z* da mesma especie que o *x*, como letras duplices não podem soffrer duplicação. Como observa Lião, no latim o som de *z* era proximo ao de *st* ou *sd*. Só deste modo comprehendem-se as duas graphias : *Ezras* e *Esdras*, de um nome biblico.

O *z* foi sobretudo usado na terminação dos patronymicos. *Alvarez, Tellez, Lopez, Yanez* (de Joane) etc., que se escrevem hoje com o *s* final.

O *z* caracteristico permaneceu apenas nas abbreviaturas *Roiz, Frz*, e em raros appellidos que ficaram oxytonos: *Garcez de Garcia : Vaz*.

VI

Morphologia: estructura da palavra:— Raiz; thema; terminação; affixos. Do sentido das palavras deduzido dos elementos morphicos que as constituem: desenvolvimento de sentidos novos.

Morphologia é a parte da grammatica em que se estuda o vocabulo considerado como um composto de órgãos.

Órgão de um vocabulo é qualquer parte d'elle que exerce uma funcção ou tem um sentido. Assim na palavra *semi-deuses*, a analyse descobre tres órgãos:

semi-deus-es

O primeiro, *semi*, indica a metade ou meio.

O segundo *Deus*, exprime a pessoa suprema; é a idéa principal (raiz).

O terceiro, *es*, exprime a pluralidade do ser.

A reunião destas partes constitue o que se chama *estructura* do vocabulo. Os *elementos morphologicos* ou *órgãos* são, pois, muito differentes dos *elementos phoneticos*, sons, letras ou syllabas.

Thema e terminação.

Chama-se *thema* o todo de um vocabulo, excepto a *terminação* ou *desinencia*:

cant — ar
cant — avam
Deus — es
prev — er
contradiz — er
prop — or

As partes *cant—prev—prop—contradiz* são *themas* ou fórmulas que, em geral, não soffrem a flexão.

‡ **Desinencia**, é a parte variavel do vocabulo e por conseguinte aquella que exprime os accidentes da flexão.

Cant	—	<i>ar</i>
Cant	—	<i>avam</i>
Deus	—	<i>es</i>
Prev	—	<i>er</i>
Contradiz	—	<i>iam</i>
Prop	—	<i>or</i>

As partes *ar, avam, es, er, or*, são as desinencias ou terminações dos vocabulos e exprimem ora a flexão de tempo, ora de numero, de genero, etc.

Synonymia. Terminação é qualquer porção final do vocabulo, é um termo geral. *Suffixo* é especialmente a terminação dos derivados: *pedr-eira, form-oso, etc.* *Desinencia* ou *flexão* é o suffixo variavel nos nomes e verbos: *pomb-o, pomb-a; am-ei, am-avam.*

Raiz e affixos.

As *affixos* são elementos *morphologicos* ou *orgãos* que se appoem a um vocabulo modificando-lhe a significação.

Os *affixos* dividem-se em *prefixos* e *suffixos*.

São *prefixos* os elementos que antecedem á palavra principal. Taes são: *anti, per, ob, pre, sub, etc.*, na composição dos vocabulos. Ex.

<i>per</i>	—	<i>furar</i>
<i>anti</i>	—	<i>Christo</i>
<i>ob</i>	—	<i>turação</i>
<i>pre</i>	—	<i>juizo.</i>
<i>sub</i>	—	<i>metter, etc.</i>

Suffixos são os elementos que prolongam e completam a palavra principal. Taes são, entre outros : *eiro*, *oso*, *ade*, *ino*, *ico*, etc. Exemplos:

pinh—*eiro* ..
form—*oso*
felic—*idade*
analyt—*ico*, etc.

Convém observar que o *prefixo* tem uma noção definida, e mais positiva do que o *suffixo*. Assim os *prefixos* *pre*, *sub* denotam sempre a antecipação, o lugar inferior, etc. Os *suffixos*, porém, têm uma função menos definida e affectam varias accepções, conforme o uso tem estabelecido. O *suffixo-eiro* tem diversos significados, como se vê dos exemplos seguintes :

Exprimindo o *continente*:

tinteiro — tinta

Exprimindo o *factor* :

sapateiro — sapato
caldeireiro — caldeira

Exprimindo o *agente* da acção:

caminheiro — caminho
cavalleiro — cavallo

Exprimindo a *arvore* em relação ao fructo :

pinheiro —
tomateiro —
mamoeiro —
etc., etc.

As tres ultimas accepções indicam sempre a actividade ou os agentes da producção.

Note-se, além disto, que em alguns brazileirismos o suffixo *eira* ou *era* representa o vocabulo tupi-guarani *cuér*, *cuéra*, *gué*, e denota o tempo passado. Taes são os dous exemplos :

Tap-*éra* — (aldeia, *taba*, que existiu).
Capo-*eira* — (matto, *cadé*, que existiu).

Entre os *affixos* podem-se considerar as letras e fórmulas *infixas*, embora esporadicás, como as que se notam nos futuros :

far-*vos*-ei
dir-*te*-ei

Nestes especimens, os pronomes *vos*, *te*, são verdadeiros *infixos*. (1)

Convém observar que o termo *prefixo* está especialmente consagrado aos elementos prepositivos, com exclusão dos demais elementos compositivos do vocabulo. Assim em *beija-flór*, *bem-te-vi*, os termos *beija* e *bem* não são considerados prefixos e sim simples palavras elementares. O *prefixo* póde ser qualquer vocabulo, comtanto que seja frequentemente utilizado como elemento de composição e não possua isoladamente, senão raras vezes, o valor de palavra.

Raiz.—Raiz é o nucleo da palavra, despojada de seus *affixos*.

Em lingua portugueza, são raizes as seguintes fórmulas:

diz — em *contra-DIZ-er*.
 pre-DIZ-er.
sta — *circum-STA-ncia*.
 pre-STA-nte.
 etc.

(1) Trataremos com mais desenvolvimento dos *prefixos* e *suffixos* no lugar competente.

† Desta arte, a *raiz* representa o vocabulo puro, sem as modificações accidentaes que lhe dão os *prefixos*, *suffixos* ou *flexões*.

Dentro do dominio de uma lingua é este o unico criterio que pôde servir de base ao conceito de *raiz*. E' claro, porém, que em um sentido mais lato e com referencia, não a uma lingua, mas á totalidade das linguas que constituem uma familia, a palavra *raiz* indica a forma hypothetica de onde decorreu uma série de vocabulos que têm entre si affinidade material e de sentido, mais ou menos definida e explicita. As *raizes*, neste caso, representam o resultado de induções theoricas, apoiado na analyse comparativa dos idiomas. A' *raiz* AS, que significava primitivamente *respirar*, *viver*, explica e justifica as modalidades do verbo *ser* nas diversas linguas aryanas ou indo-européas.

No sentido restricto, em que a palavra *raiz* deve ser comprehendida, é sempre possivel substituil-a, e com vantagem, pela palavra *radical*.

O sentido das palavras deduzido dos elementos morphicos nem sempre é susceptivel de uma determinação fixa e invariavel.

Nos compostos, cujos elementos foram deformados pela evolução phonetica, nenhuma noção existe dos significados e dos termos parciaes que formam o todo. Exemplos. Em *marmota* (*murem-montis*, rato dos montes) *devota* (*deo-vata*—dedicada a Deus) *menino* (*mi+nino*—meu menino) já não existe a consciencia dos elementos parciaes que formam o todo.

Não succede, porém, a mesma cousa em relação aos compostos de juxta-posição separada. Ha perfeita consciencia dos elementos componentes em :

beija-flor
quebra-nozes
vai-e-vem
vira-volta
pega-pega

Existem, todavia, alguns exemplos em que um elemento é barbaro ou desconhecido e archaico e outro completamente vivo e usual na lingua. Exemplo :

<i>Porta</i>	—	relogio
<i>Porta</i>	—	pennas
Guarda	—	<i>nappo</i>
<i>Malas</i>	—	artes

Nestes compostos, o povo apenas tem a consciencia do valor isolado de um termo e ignora o que seja *portar*, *nappo*, ou *malas*.

Quando porém, todos os elementos do composto são de origem estrangeira, nenhuma consciencia existe dos sentidos elementares do vocabulo. E' o que succede com os termos :

Redingote	—	Do inglez : <i>riding coat</i> ; vestido para montaria.
Charcuteria	—	Do francez : <i>chaircuite</i> . Carne cozida.
Biscoito	—	Do latim : <i>bis-coctus</i> . Duas vezes cozido.
Panacéa	—	Do grego : <i>pan. (pantos) e akos</i> : todo remedio. Remedio para tudo.
Kermesse	—	Do hollandez : <i>kerk e misse</i> . Egreja-festa.
Narval	—	Do allemão : <i>nar (nase) e Wall</i> . Nariz-baleia. Especie de cetaceo conhecido.

- Calamina — Do italiano : *gialla e mina*..
Mina amarella. Oxydo de zinco.
- Algebra — Do arabe: *al-djaber* ; a restauração (1). A sciencia das restaurações.
- Janisaro — Do turco: *ieni-tcheri*: nova soldadesca. Milicia creada no seculo XIV.
- Paraizo — Do zend : *pairi-daeza*, ao redor baluarte. Introduzido no grego por Xenophonte e aproveitado pelos antigos traductores da biblia.
- Chocolate — Do mexicano : *Choco luttl* : cacáo agua.
- Xará — Do tupi-guarani : *xe hera* (absol, *terá*) meu nome. E' um brazileirismo.

E' claro que nas formações desta especie, os elementos morphicos só têm funcção de sentido para os eruditos.

Não obstante, no caso geral dos compostos podem-se estatuir as regras seguintes :

1.^a *O sentido do vocabulo é determinado pela palavra principal ou raiz.*

2.^a *O sentido do vocabulo é modificado pelas circumstancias expressas pelos prefixos e suffixos.*

(1) Entre os arabes, algebra era a sciencia das restaurações. Ainda hoje o cirurgião tem o nome de *algebrista*, termo que se vai tornando obsoleto.

Exemplificando, analysemos o vocabulo *perseguir* que contém tres elementos morphicos, o prefixo *per*, o radical *segu*, e o suffixo *ir*. O sentido, pois, deste vocabulo será determinado pela raiz *segu* que significa: andar, ir na mesma direcção. O suffixo *ir* denota a acção. O prefixo *per* designa que a acção é continua, longa, perpetua, perfeita. De sorte que *perseguir* designa a acção de andar na mesma direcção, no encalço de outra cousa, continuamente, sem repouso.

Fazendo a applicação pratica desses principios, é preciso não esquecer que nos vocabulos juxtapostos e agglutinados, a palavra principal é, na quasi totalidade dos casos, representada pelo segundo elemento, como se póde verificar nos exemplos apontados.

Frequentemente o sentido novo de um vocabulo é produzido pelo que Darmstetter appellida a *lei de contagio*: um vocabulo adquire a significação de outro a que anda ou andou sempre aggregado. E' o que succede com os adjectivos substantivados:

O rico	— (o homem—)	
O justo	— (o homem—)	
O sereno	— (o tempo—)	(1)
A meia	— (a calça—)	
O jornal	— (<i>diurnalis.</i>)	(2)

— A flexão é um dos factores de sentidos novos ou de translação dos vocabulos.

O *numero*, v. gr. em:

a honra	— as honras
o viver	— os viveres
a parte	— as partes

O *genero* tambem modifica o sentido:

(1) *Seranus*. Outra forma: *serão*.

(2) Veio directamente do francez.

fólho	—	fólha
modo	—	moda
jarro	—	jarra
madeiro	—	madeira
cesto	—	cesta.

Os outros casos de translação que não dependem da constituição morphica do vocabulo não devem ser contemplados neste ponto.

LIÇÃO VII

1. Classificação das palavras.—2. Substantivos e suas espécies. (1)

I

Taxinomia é a parte da grammatica que nos ensina a classificar as palavras.

Classificar as palavras consiste em distribuir por classes ou grupos os vocabulos que têm entre si certos caracteres communs.

Na boa classificação a logica determina que se observe a subordinação dos caracteres: isto é, os caracteres mais importantes são os que devem servir de base á classificação. Por isso é que quasi todas as classificações em grammatica respeitam o mais importante dos caracteres ou attributos dos vocabulos: a idéa.

1. O processo de classificação pôde ser feito tomando por base qualquer attributo dos vocabulos.

Tomando por base a *fôrma* historica dos vocabulos, estes se dividem em *primitivos* e *derivados*.

Primitivos são aquelles que se não originam de outros da mesma lingua: *trovão*, *livro*.

Derivados são os que se formaram dos primitivos: *trovoada*, de *trovão*; *livraria*, de *livro*.

Na pratica não convém levar ao exagero o rigor deste processo. Alguns nomes são ditos derivados, embora tenham vindo do latim directamente, como *annual*, *pedreira* que derivam de *annualis*, *petraria* e não de *anno* e *pedra*.

(1) Antes de tratar do substantivo convém dar algum desenvolvimento á parte preliminar da taxinomia.

2. Tomando por base de classificação a quantidade extensiva, os vocabulos são :

Monosyllabos ; quando têm uma syllaba: *dôr, mar.*

Dissyllabos ; quando têm duas syllabas: *pedra, casa.*

Polysyllabos ; quando têm muitas syllabas: *soccorro, extraordinario.*

Tambem existe a denominação de *trisyllabos* para os que têm tres syllabas.

Este processo de classificação é puramente material e tem poucas applicações, fóra da orthographia e prosodia.

3. Tomando por base as variações que se observam em muitos vocabulos, póde-se classificar-os em dous grandes grupos :

Palavras variaveis ; são aquellas que soffrem diversas variações na terminação, para exprimir o genero, o numero, o tempo, etc. Taes são os substantivos, artigos, adjectivos, pronomes e verbos.

Palavras invariaveis ; são aquellas cuja estrutura jámais apparece modificada. Taes são os adverbios, as preposições, as interjeições e conjuncções.

O caracter de *variabilidade* não é muito fixo. Sabe-se que primitivamente os adverbios e preposições tinham variações de gráo, frequentissimas. Ainda temos varias palavras que representam vestigios curiosos, doados pelo latim. A preposição *pro* tem o comparativo *prior* e o superlativo *primus*. A preposição *in* tem o comparativo *inter*, e o superlativo *imus* ou *intimus*. Assim as expressões vernaculas *em, entre, imo, intimo, primo*, etc., são verdadeiros vestigios de gráo que sobreviveram no latim e nas linguas modernas.

Os proprios adverbios em *mente* podem receber a flexão do adjectivo componente, quando este se torna superlativo: *certamente, cert-issima-menté*, etc.

4. Tomando por base a comparação de vocabulos entre si, podemos classificar-os nos seguintes grupos :

Synonymos : são os que têm mais ou menos a mesma significação: *casa, mansão, lar, domicilio.*

Antonyms; são os que têm significados oppostos: *luz*, *trevas*; *riso*, *lagrimas*.

Homonyms; são os vocabulos semelhantes entre si: *bota*, *calçado*; *bota*, do verbo botar.

Os *homonyms* são chamados *homographs* quando se escrevem com as mesmas letras, como no exemplo acima. São chamados *homophones* quando apenas têm a mesma prosodia ou pronuncia: *cesta* e *sesta*.

Paronyms são palavras pouco differentes entre si: *relevar* e *revelar*; *differir* e *deferir*.

Os *paronyms* são mais frequentes no francez e constituem verdadeira difficuldade para os estrangeiros.

5. Todas as classificações mencionadas são utilizadas frequentemente pelos grammaticos. Mas são imperfeitas por isso que se baseam em caracteres secundarios.

O caracter ou attributo essencial de qualquer vocabulo é a idéa ou significação. Analysando o lexicon de qualquer lingua, acharemos palavras que indicam seres (*substantivos*) palavras que indicam os factos, as acções (*verbos*), etc.

E' este o processo mais geralmente adoptado na *taxinomia grammatical*.

II

Substantivo é a palavra que indica um ser; ou seja cousa, pessoa ou animal. Ex.: *preguiça*, *Julio*, *aves-truz* (1).

Tudo o que existe na natureza ou no entendimento é um substantivo: *fôr*, *glória*.

A noção do *ser* ou *substancia* só pode resultar do conspecto das qualidades, que são representadas pelos *adjectivos*. Assim todo o substantivo representa uma synthese de attributos (*fôr*) ou um mesmo attributo (*brancura*).

(1) A expressão *substantivo* foi tomada dos grammaticos latinos que usavam a denominação *nomen substantivum*.